

DOSSIÊ PSICOLOGIA EVOLUCIONISTA

Maria Emilia Yamamoto
Maria Lúcia Seidl de Moura
Organizadoras

A teoria da evolução através da seleção natural deixou, recentemente, os domínios exclusivos da biologia, e atualmente dá suporte a argumentos em áreas tão variadas quanto a psicologia, a economia, as ciências sociais, a filosofia. Não apenas o domínio das ciências foi invadido pelo que Rose chama o espectro de Darwin (Rose, 2000), mas também áreas de aplicação como a agricultura, a medicina e áreas correlatas.

Um desenvolvimento recente, a Psicologia Evolucionista, é considerado por Boyer e Heckhausen (2002) como um dos mais importantes desenvolvimentos na área das ciências do comportamento nos últimos 20 anos. Esta abordagem propõe que a mente humana funciona através de mecanismos psicológicos evoluídos, que seriam características universais de nossa espécie, evocativas do ambiente ancestral no qual ela evoluiu. Estes mecanismos consistem em emoções, preferências e propensões, selecionadas porque ajudaram nossos ancestrais a sobreviver e reproduzir no passado. Uma vez que o ambiente moderno mudou radicalmente em relação àquele que seria o berço dessas adaptações, temos que nos perguntar se estes mecanismos ainda permanecem, e se nossos comportamentos refletem essas adaptações passadas.

A partir desta abordagem, a Psicologia Evolucionista traz para a psicologia uma proposta de solução para uma questão que há muito vem sendo debatida, a da dicotomia entre natureza e criação, entre biologia e cultura. A resposta à aparente contradição entre diversidade e universalidade humanas surge com modelos que integram diversos níveis de explicação, e consideram a complexidade cultural como um reflexo da complexidade biológica. Nas palavras de Bussab e Ribeiro (1998) o homem é biologicamente cultural.

Apesar de suas raízes históricas, a psicologia evolucionista é uma disciplina nova. Tem pouco mais de 15 anos e ainda está se consolidando. No Brasil, seu desenvolvimento está ligado diretamente à rede de investigações formada pelos pesquisadores do Instituto do Milênio em Psicologia Evolucionista. Em maio de 2004, em Vitória no Espírito Santo, 11 pesquisadores de formações diversas (psicologia, biologia, medicina e sociologia) reuniram-se no simpósio da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, a ANPEPP, com o objetivo de discutir essa área incipiente e amplamente desconhecida no Brasil, a psicologia evolucionista. Queríamos “iniciar uma discussão sobre os fundamentos e os rumos desse ramo da psicologia”.

Um ano mais tarde, com um composição ligeiramente diferente, já nos víamos tão completamente como um grupo que decidimos redigir um projeto para concorrer ao Edital dos Institutos do Milênio do CNPq. Nascia o projeto “O moderno e o ancestral: a contribuição da Psicologia Evolucionista para

a compreensão dos padrões reprodutivos e de investimento parental humano”. Fomos ambiciosos e complementamos essa solicitação com uma proposta sobre psicologia evolucionista ao Programa Procad da Capes. Fomos contemplados em ambas.

Seis anos depois daquela primeira reunião, esse grupo de pesquisadores transformou-se de um grupo incipiente em uma vibrante rede de pesquisa que reúne cerca de 20 pesquisadores de nove instituições e pela qual passaram cerca de 180 estudantes de graduação e pós-graduação. Tornamo-nos uma referência nacional na área e também internacionalmente, sendo reconhecidos como o grupo brasileiro de Psicologia Evolucionista.

Somos hoje, depois destes três anos de trabalho intenso um grupo muito mais articulado, nacional e internacionalmente, mais refinado teoricamente, mais produtivo e, o que é mais importante, com um brilhante futuro que está representado pelos alunos que formamos e estamos formando.

Este dossiê representa parte das reflexões e das investigações que foram iniciadas durante o projeto do Instituto do Milênio. O primeiro artigo, de Eulina Lordelo, aborda uma questão geral, a conceituação de cultura na perspectiva biológica, comparando-a em três das principais abordagens, a Ecologia Comportamental Humana, a Evolução Gene-Cultura, e a Psicologia Evolucionista.

Os quatro artigos seguintes versam sobre Psicologia Evolucionista do Desenvolvimento e apresentam dados e análises sobre diferentes aspectos do desenvolvimento infantil de uma perspectiva evolucionista. O primeiro artigo, de Gabriela Dal Forno Martins e Mauro Luís Vieira, apresenta os fundamentos de uma subárea da Psicologia Evolucionista, a Psicologia Evolucionista do Desenvolvimento (PDE), que vem crescendo bastante e está muito bem representada no Brasil. A abordagem evolutiva resolve uma questão histórica da Psicologia do Desenvolvimento, a dicotomia natureza/criação, propondo uma visão interacionista das histórias filogenética e ontogenética. Aborda também diferentes concepções de cultura e a importância dos estilos de criação, em grande parte determinados culturalmente, para o desenvolvimento das predisposições biológicas.

O segundo artigo, da autoria de Monique Leitão e Rochele Castelo-Branco, discute fatores relacionados à atratividade das características infantis, tomando como base as quatro questões de Tinbergen. O esquema infantil (kinderschema), proposto por Lorenz, foi a primeira tentativa de explicação dos mecanismos que desencadeiam respostas emocionais de afeto e cuidado nos adultos ao interagir com bebês. Estudos recentes evidenciam o envolvimento de mecanismos neurais e hormonais nessas respostas. A função adaptativa desses comportamentos estão ligados à necessidade de cuidado de bebês humanos, que nascem

precocemente e têm um longo período de desenvolvimento. Finalmente, evidências ontogenéticas e filogenéticas também estão presentes nos estudos que verificaram a presença dessas respostas durante o desenvolvimento humano e em outras espécies de mamíferos e aves.

O terceiro artigo, de Aline Menezes e colaboradores, investiga as diferenças de gênero em interações livres em crianças de 6 e 7 anos como prevê a Psicologia Evolucionista. Vale destacar neste estudo a combinação de duas metodologias, geralmente usadas alternativamente na literatura, que são a observação das preferências por brincadeiras e o relato verbal dessas preferências. A observação do comportamento permitiu observar diferenças entre meninos e meninas, principalmente topográficas e de composição do grupo de brincadeira, que tendia a ser basicamente do mesmo sexo. No entanto, a classificação feitas pelas crianças durante as entrevistas mostraram uma maior influência cultural, com uma separação mais rígida entre brincadeiras consideradas como masculinas e femininas do que aquela observada durante as interações livres.

O último artigo sobre desenvolvimento, de Anuska Irene Alencar, é um relato bastante interessante dos bastidores de um trabalho de pesquisa, analisando dados qualitativos do comportamento de cooperação em crianças. Embora melhor configurado como estudos de caso, permite analisar e exemplificar possíveis determinantes do comportamento dessas crianças, evidenciando sua diversidade.

O artigo seguinte, de Diego Macedo Gonçalves, discute como a agressão e o comportamento violento acompanham a espécie humana ao longo de sua evolução. Guerras em escala mundial são recentes mas o guerrear já estava presente não apenas nos ancestrais humanos, mas provavelmente também nos ancestrais que temos em comum com os primatas antropóides, como sugerem os estudos com chimpanzés. Este artigo revê estudos sobre violência em humanos, destacando a maior incidência do envolvimento de homens jovens e sua relação com diferenças sociais. Avalia a hipótese de Leda Cosmides que a violência é um sub-produto de uma predisposição à formação de alianças. Discute as raízes evolucionistas do comportamento agressivo.

Os três artigos seguintes referem-se ao tema da escolha de parceiros, central na Psicologia Evolucionista. O primeiro, de Rosana Suemi Tokumaru e colaboradores, investiga a influência da sugestão de infidelidade na escolha de parceiros em homens

e mulheres. Os resultados mostraram que há um efeito das informações sobre infidelidade sobre a avaliação da atratividade apenas quando mulheres avaliam fotos de homens. Os resultados são interpretados à luz do referencial da Psicologia Evolucionista e dos custos reprodutivos diferenciais para homens e mulheres., mas também são avaliados os fatores ligados às convenções sócio-culturais.

O segundo artigo deste grupo, da autoria de André Luis Ribeiro Lacerda, faz uma caracterização dos indicadores biossociais da hipogamia, que ocorre quando mulheres se casam com homens de posição social inferior à sua. Tanto do ponto de vista sociológico quanto daquele da Psicologia Evolucionista espera-se que as mulheres façam escolhas hipergâmicas, isto é, casem-se com homens de posição social superior à sua, cujo status definirão aquele de suas esposas. Neste artigo, o autor levanta algumas hipóteses sobre o porque da ocorrência da hipogamia, sugerindo que ela seria um indicador da mudança na estrutura das famílias brasileiras. Ressalta a negligência da Sociologia na explicação desse fenômeno e sugere que o estudo das mulheres chefes de família, que têm aumentado recentemente, poderia ser um bom ponto de partida para o estudo desse fenômeno.

O último artigo deste grupo, e também do dossiê, revê as razões evolutivas para a preferências de mulheres por parceiros de idade semelhante à sua. Luisa Helena Pinheiro Spinelli e colaboradores analisam uma questão há muito negligenciada pelas abordagens evolutivas – os efeitos da idade sobre o potencial reprodutivo de homens. Embora que esses efeitos estejam bem descritos nas mulheres, a Psicologia Evolucionista e outras abordagens semelhantes têm considerado que homens não sofrem perdas em seu potencial reprodutivo em função da idade. Os autores apontam evidências em contrário e sugerem que a escolha por parceiros de idade próxima à sua, uma preferência comum em mulheres, faz sentido do ponto de vista evolutivo.

Esperamos que este dossiê seja útil àqueles que querem conhecer um pouco mais da Psicologia Evolucionista e também aos que pretendem aprofundar seu conhecimento sobre alguns dos tópicos que estão sendo desenvolvidos nesta área no Brasil.

Referências

- Boyer, P., & Heckhausen, J. (2002). Introductory notes. *American Behavioral Scientist*, 43, 917-925.
- Rose, M. (2000). *O Espectro de Darwin*. São Paulo, Dinalivro.

Maria Emilia Yamamoto
Departamento de Fisiologia
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Maria Lúcia Seidl de Moura
Departamento de Psicologia
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Endereçar correspondência a:

Maria Emília Yamamoto
Caixa Postal 1511
59072-970, Natal-RN
e-mail: emiliayamamoto@gmail.com